



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VERA LUCIA PIRES MACHADO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Vera Lucia Pires Machado

Nascimento: 13.10.32

Local da entrevista: Residência da entrevistada.

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 27.12.2014

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 58min 21 seg 05

Páginas Digitadas: 12 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Data de nascimento; Início na dança; Escola de Tony Seitz Petzhold; Sapatilhas para balé; Escola de Dança João Luiz Rolla; Relação de Tony Seitz Petzhold e João Luiz Rolla; Espetáculos da escola; Formatura; Anel de Formatura; Início do professor Rolla na dança; Metodologia e o uso da varinha; Criação Coreográfica; Encerramento da escola; Período após a formação o contato com o Professor Rolla; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 27 de dezembro de 2014. Entrevista com Vera Lucia Pires Machado a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual seu nome completo?

V.M. – Vera Lucia Pires Machado.

M.C. – Qual sua data de nascimento.

V.M. – 13 de outubro de 1932.

M.C. – Gostaria que a senhora contasse como começou a dançar.

V.M. – Foi com cinco para seis anos na escola da professora Tony¹. Aí quando eu tinha nove para dez anos já me deparei com o Rolla² dentro da escola da Tony.

M.C. – Como vocês se encontraram?

V.M. – Eu estava na escola e ele começou a ser o solista que fazia Pax de Deux com a Tony. Porque a família dele não aceitou dele querer ser bailarino e isto foi sempre o que ele contava! Por que com aquela idade eu não sabia e a minha mãe se dava muito com a Tony que vinha até aqui em Teresópolis inclusive em churrascos na casa da minha família. Para encurtar a história o Rolla começou a dançar com a Tony e depois se tornou partner dela dançava com ela “A legenda de José”, “Lago dos cisnes”, que eu dancei também. Teve outro bem famoso que ele dançou.

M.C. – E ele era partner mesmo sem ser formado?

V.M. – *Sim!* Naquele tempo não existia nada disso.

M.C. – E como era naquele tempo?

V.M. – A Tony, por exemplo, lecionou Natação! No início eu não queria balé clássico porque eu fazia acrobacias. Ela me chamava de pestinha porque eu dava pontapé em todo mundo. Porque meu pai me largava lá depois do almoço e ia buscar de tardezinha,

¹ Antônia Seitz Petzhold.

² João Luiz Rolla.

A Mausi³, irmã da dona Tony, que era apaixonada por mim. Nós fizemos uma viagem, não me lembro muito bem, eu sei que foi de trem e eu era pequena. E eu só ia se eu fosse dormir com a Mausi porque ela tinha bastante paciência comigo. A Tony não... a Tony era bem braba. Ela dizia: “que diabo tu já tá aí?” Mas quando era para trepar em cima das mulheres de ginástica ela me chamava! Aí depois com quinze anos meu pai disse: “É a última vez que tu vais dançar em palco.” E eu disse: “Porque pai?” Meu pai era médico. E ele disse: “Tu já tá muito moça, e as fantasias são muito despidas. Vamos parar com isso e vai procurar jogar tênis.” Tanto é que eu fui até vice-campeã de tênis da cidade de Porto Alegre. Eu parei com o balé e assim mesmo, nesse meio tempo eu tinha um namorisco então não estava muito interessada em dança. A minha irmã Ligia⁴ também estudou com Tony. Ai passaram os anos casei tive uma filha e quando a Ana Lúcia⁵ tinha cinco anos que estava no jardim eu me interessei em dançar. Mas a Tony morava muito longe e o Rolla tinha aberto a escola no centro ali defronte a loja que vende material de dança na rua Marechal Floriano. Então levei minha filha no Rolla e ele me disse: “Vera, agora tu espera um pouco porque ela vai fazer seis anos em agosto e depois tu me traz.” E eu disse: “Ai Rolla, aceita logo!” E daí ele aceitou e ela cursou todo curso desde o infantil até para poder botar pontas. Porque eu fui muito bem regradada dentro do que o Rolla fazia lá na Tony, porque a minha lembrança não era muito grande porque eu era uma menina de treze pra quatorze anos. A coreografia Salamanca do Jarau acho que foi a última coisa que eu dancei na Tony. A Tony era a cobra, linda uma fantasia belíssima! Eu era um negrinho e eu tive uma arueira, como diziam, uma alergia no rosto porque me passaram aquela pasta preta na cara. Nunca me esqueço! Foi no Teatro São Pedro. Bem, aí o Rolla aceitou a Ana e a minha mãe levava. Tudo começou na Marietinha Bastos Daniel, já falecida, que tinha o jardim de infância Meu Cantinho que hoje em dia é da sobrinha dela que existe na avenida Teresópolis. E a Ana começou a dançar lá, começou a ir nos espetáculos da Marietinha... aquela coisa, aí eu disse: “vou colocar no balé e à mãe levava pra mim.” Ela estudava no Colégio Cruzeiro do Sul que era de frente a gente morava na Rua William Thomas. A minha mãe fazia a mamadeira pegava ela no colégio e ia dando a mamadeira no ônibus pra levar ela pro centro da cidade porque a aula do Rolla sempre foi quinze para seis a infantil. Depois como a

³ Nome sujeito a confirmação.

⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

Marietinha tinha muita criança ela me pediu: “Vera tu estudou balé! Vem dar aula para as crianças.” E eu fui dar aula para neta dela e para sobrinha e ai começou uma turminha ali dentro. No ano seguinte já não cabia na salinha de aula. Então eu me transferi para o Teresópolis Tênis Clube onde eu dei aula por uns dois ou três anos, até fazer a minha escola aqui no fundo da minha casa. É uma profissão muito grata eu sempre gostei bastante e aí quando vi necessidade que estava enfrentando de passar a brincar com crianças de balé e ensaiar menininhas para dançar, no Teresópolis tinha na primavera as quatro estações. Daí eu disse: “não isso daí tá ficando muito difícil.” Fui lá e falei com o Rolla e ele disse: “Mas não tem problema Vera! Eu sei que na Tony não tinha nada, mas tu pede uma assinatura da Tony que tu cursaste com ela e tu vai fazer um teste comigo e eu vou ver em que ano eu te coloco.” Porque eu fiz pontas tudo e no meu tempo a gente comprava sapatilha de balé adivinha onde?

M.C. – Onde?

V.M. – Nas casas mortuárias! Era sapatilha de morto! Não existia sapatilha de balé. A gente ia na casa mortuária de frente a avenida Riachuelo ali tinha uma casa mortuária que a gente ia comprar sapatilhas de balé.

M.C. – Eles faziam sapatilha para balé?

V.M. – Não! Era sapatilhas para os mortos. Era para os mortos mesmo. Eram enterrados com sapatilhas. Em vez do sapato eram sapatilhas. E essa sapatilhazinha é que nós dançávamos.

M.C. – Então não existia sapatilha de ponta ainda?

V.M. – Existia uma coisa muito esquisita [risos] mas no meu tempo já estava melhor. Dava sim pra fazer nas pontas ficava com o pé meio quebrado assim. Daí para diante foi um boom... Começou bastante alunas... aí já começou o Rolla, já começou a Salma Chemalle.

M.C. – E a senhora me falava que o professor Rolla pediu pra fazer um teste...

V.M. – Sim eu fiz o teste com ele e aí ele me colocou no 4º ano de ponta. E aí eu fui na Tony pedir pra ela um atestado que eu havia cursado com ela por que naquela época não

existia ano... estar num ano... mas que eu havia cursado com ela e ela me disse: “eu já soube que a tua filha é uma graça e está cursando com o professor Rolla.” E eu disse: “Tony mas é porque tu é aqui na floresta e o Rolla no centro! Minha mãe que leva eu não podia levar.” E ela disse: “não... fica umas poucas quadras daqui!” [risos] Ficou por isso mesmo. Ela me deu o papel prontamente. E eu fiz o 4º, 5º, 6º e me formei. Ainda fiz um ano ou dois de aperfeiçoamento.

M.C. – A senhora chegou a estudar ao mesmo tempo em que a sua filha?

V.M. – Estudei. Aí a Ana Lúcia se formou em primeiro lugar! Ela se formou com a irmã da Regina⁶ com a Laura⁷ ou logo depois da Laura uma coisa assim... Aí eu abri aqui a minha escola que agora está sendo transformado em casa para essa minha filha mais moça. Ela está nesses últimos arremates. O marido dela teve um AVC forte e é cadeirante e ela leva na AACD por isso que ela não está aí. Foi ela que atendeu inclusive o telefone.

M.C. – A senhora lembra como era a relação de dona Tony e o professor Rolla?

V.M. – Acontece que ela tinha outro bailarino também, que até já faleceu aqui em Porto Alegre, que era um argentino, mexicano, não sei direito... chamava-se Dom Pepe⁸ deve ser espanhol. Eu não sei o que houve entre os dois, mas nada de muito mal porque o Rolla continuou adorando a Tony e falando bem da Tony. Eu nunca escutei um ai contra a dona Tony. Porque ela que fez ele. E aí logo em seguida que eu comecei a dançar lá ele foi para o Araújo Viana e aí ele ficou até pedirem o Araújo Vianna e ele desistir foi quando ele lançou o livro e já não dava mais. Quem estava naquela altura junto com ele, abraçada, era a Regina Guimarães.

M.C. – A senhora participou de espetáculos na escola do professor Rolla?

V.M. – Não dos espetáculos eu não participei. Eu já fui com 29 para 30 anos, já tinha filhos. A minha filha sim dançou todos os espetáculos dele desde pequenininha. Agora eu não.

⁶ Regina Adylles Endler Guimarães, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

⁷ Laura Maria Endler Guimarães, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

M.C. – Depois a senhora teve formatura?

V.M. – Tive formatura e inclusive tenho aqui o anel. Na verdade esse anel foi projetado por mim. Porque eu fui namorada do Antonio Carlos Mendes Ribeiro da Educação Física e aí ele me deu um anel de formatura de ginásio no Colégio Cruzeiro do Sul e quando nós brigamos o pai me fez devolver tudo que ele havia me dado. O pai não gostava muito dele. E eu queria ficar com o anel, eu adorava meu anel. E aí o que eu fiz? Quando fui para formar a primeira turma da minha escola eu fui na Casa Masson e falei com o joalheiro. Expliquei tudo que eu queria e mandei fazer o anel. Perguntei para o Rolla se eu poderia usar as letras dele. E aí o Rolla disse: “Bah porque que eu não tive essa ideia antes, agora é tarde! Mas claro fico até muito feliz.” Ele foi meu primeiro paraninfo na minha primeira turma aqui na escola e eu mandei fazer este anel. Tinha todos os significados que seria: a lágrima do sacrifício, o pezinho da bailarina, o brilhante e o símbolo do saber, e os louros e as letras iniciais do nome da escola J.L.R. Agora quase todas as minhas alunas, algumas não tinham condições financeiras ou não quiseram, mais a maioria hoje em dia se encontram em ônibus e dizem: “a tu foi aluna da professora Vera?” Elas identificam o V.L.M. de Vera Lúcia Machado. Elas receberam o anel de formatura e eu recebi do Rolla o meu anel de formatura. E aí todas as minhas turmas têm o anel de formatura.

M.C. – A senhora sabe se outras colegas de escola do professor João Luiz Rolla também fizeram este anel de formatura?

V.M. – Não, não, não. Dele só eu tenho esse anel. Depois na minha escola os alunos que tinha condições faziam. Inclusive eu tinha um joalheiro especial que fazia e aí eu fiquei durante muitos anos trinta anos eu acho... e aí eu tive um câncer de mama. Mas voltei porque eu ia formar a minha primeira neta e aí formei a minha primeira neta e aí entreguei a escola para minha filha. Ela ficou dando aula mas ela achava meio difícil lidar com as crianças, com as mães das crianças e aí começou a abrir escolas em tudo, em tudo que é lugar escola. Então diminuiu de fato e aí ela foi pro Jazz contratou o Aldo. O Aldo foi trabalhar com ela aqui dentro da escola. Trabalhou uns três anos aqui e tiraram inúmeros troféus. A minha neta mais velha que está morando na Nova Zelândia esta lecionando agora na Nova Zelândia e é a única que estava lecionando. Essa era

primeira bailarina do Aldo tudo que era espetáculo ela fazia. Até pax de deus com ele e esses pequenos espetáculos ai de fora.

M.C. – Gostaria que a senhora contasse o que a senhora conhece sobre o inicio do professor Rolla na dança

V.M. – Eu já peguei ele mocinho na Tony. O problema é o seguinte ele adorava dança e quis dançar e a família não quis. Aí ele começou a dançar escondido e aí depois então a Tony assumiu ele quando a família descobriu e deu-lhe um pé na bunda e ele ficou só com três tias que adotaram ele. Ele morou com essas três tias, que morreram bem velhinhas, ali perto do Araújo Vianna e ele tinha uma biblioteca fabulosa.

M.C. – Ele terminou o curso na Tony?

V.M. – Naquele tempo não tinha isso de terminação de curso. Porque nem a Educação Física existia. Porque esse Mendes Ribeiro que foi meu namorado foi um dos primeiros quando começou a escola de educação física. Ele era irmão do Mendes Ribeiro⁹ da rádio. Filho do Dr. Fernando Beck Mendes Ribeiro e aí eu quis ir para Educação Física porque eu sempre gostei de esporte e aí esse meu namorado não deixou. Mas ele foi. Foi uma das primeiras turmas porque não existia. De forma que ele tirou em Educação Física e eu não. Determinado momento o Rolla decidiu para abrir a escola dele porque ele já lecionava na Tony, ele ajudava a Tony. E ele foi tendo uma bagagem pelo trabalho como foi o meu caso. Comecei na escola primária lá da minha filha, sem lenço e sem documento. Porque a Tony não me deu nada. Só tinha fotografias, programas, programas dos espetáculos. Na minha tese de conclusão no Rolla, porque ele fazia. Ele dava aula teórica e prática tudo o que era possível e imaginável. Então a gente tinha que apresentar um álbum no fim de ano com todas as palavras do vocabulário em francês. Toda a vida dentro da minha escola desde o primeiro, segundo ano de ponta elas tinha que começar a responder no exame de final de ano que vinha a Regina, a Erenitta¹⁰ essas mais antigas do Rolla vinham aqui na escola para ser banca e desde o primeiro ano de pontas em diante porque eu coloquei pontas, exame igual ao Rolla com tudo: plié, degagé, bateria, batmen, adágio, tudo, nota e banca. Se a banca quisesse dizer que não passava, não passava. Eu não queria nem saber. Então minha escola era completamente

⁹ Jorge Alberto Beck Mendes Ribeiro, jornalista.

¹⁰ Erenitta Parmeggianni, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

semelhante à do Rolla. Era uma cópia da escola que eu conheci. Por que na escola da Tony eu só via virar cambota, pular no trampolim, viajar com a Mausi e alguma coisa de pontas e mais nada. Porque com treze para quatorze anos o pai já achou que estava grande. Porque eu dancei de odalisca e era de barriga de fora. Minha irmã era uma aldeã. Então era assim a Tony era uma pessoa muito bonita de corpo, mas eu gostava mais da Mausi do que da Tony. A Tony era mais enérgica, a Mausi teve lepra mas curou-se. Da Tony eu lembro da história de um bailarino que foi morto defendendo a honra dela ali no bairro Floresta... Don Pepe... ele veio parece da Espanha pelo nome, deduzo eu. Ele era velho já. E ele dançava nos espetáculos como o velho, em tudo ele era o velho não era o bailarino. Porque ali começa a lida do Rolla já ainda bem rapazote... Ele dançava bem, tinha muito conhecimento da dança. Eu não sei se ele fez cursos fora, eu não sei te dizer a Regina que deveria saber te dizer isso. Ele tem uma biblioteca imensa que ele deixou para a Regina. Eu acho que a Regina escolheu ele para ser um mestre dela porque ela se formou e ficou lá dentro e ficou lecionando infantil e ficou... ela é advogada mas ela não tinha nada com advocacia ... ela morava dentro da escola ... porque ele começou a ficar velho não é? Ele já tinha mais idade. Então ela começou a assumir mais turmas e ele ficava só com as formandas, só com a classe alta. Ele que abria a escola, ele que fechava a escola normalmente. Mas a Regina começou a tomar conta da escola. A Erenitta até fazer a escola dela em Canoas lecionava para ele também. Tinha uma pianista bem antiga que batia de frente contra ele. Porque ele era meio cheinho não é? E às vezes ele queria dizer: “não tal compasso...” e ela dizia: “Rolla não é! Eu estou tocando dois por quatro ou três por seis e é essa música” e não trocava. Era braba! E ela trabalhava pra ele. Ela chegou a bater tampo de piano e largar a escola mais de uma vez. Porque ele tentou bater de frente com ela e não conseguiu. Ela tocava em palco no Teatro de São Pedro para o espetáculo.

M.C. – E o que significava dançar na escola de João Luiz Rolla?

V.M. – Eu acho que significava muita coisa. Quando ele levou 2001¹¹ então foi um boom! Mas bem antes mesmo nos espetáculos dele ele sempre foi muito criterioso, muito severo, era uma criatura maravilhosa, um amigo maravilhoso, ele conversava e tudo. Mas na hora do trabalho, era trabalho. Eu lecionei para ele um ano porque ele não

¹¹ Coreografia 2001: uma odisseia pelas fronteiras sem fim da dança de João Luiz Rolla

pagava se terminava o curso e tu queria te aperfeiçoar ele te dava um infantil e era como um estágio voluntário. Eu fiz estágio no infantil A e B com a escola e depois não me deu mais tempo porque ela ocupava todo meu tempo. Eu saía correndo do Teresópolis Tênis Clube no início atravessava aquela Redenção¹² com a cabeça baixa para chegar no Auditório Araújo Vianna porque não conhecia os dia de aula da minha filha com os meus. Então a Tony e a Lya eram concorrentes. Depois concorrentes do Rolla seria a Chemale, mas não chegava aos pés do Rolla. Os espetáculos dela não eram lá essas coisas. Eu não sei, mas eu acho que Rolla reinou sozinho por um período. Ele reinou sozinho. Depois teve a Lenita Ruschel Pereira, mas bem mais depois, as filhas da Salma e aí começou uma quantidade de escolas.

M.C. – E como ele era como professor?

V.M. – Ele era enérgico tinha a tal de varinha. Ele já tava desistindo um pouco, mas ele ainda tinha essa tal de varinha. Era bom, ele era carinhoso com as alunas, ele era uma pessoa extremamente dedicada. Eu nunca vi nada, dizem as más línguas, que eu não estava na escola nessa época, que ele se apaixonou por uma aluna. E as alunas diziam que ele recebia sempre no aniversário dele cartões. Eu não me lembro agora o nome dela... era bem mais antiga que eu... eu acho que o nome era Manon¹³ eu não sei direito porque eu não tava na escola nessa época. As mais velhas antigas da escola que entraram antes de mim é que comentavam isso. Que ela estava fora de Porto Alegre e quando ele recebia os prospectos dela, lá de dança, de coisa, cartão de natal, de aniversário, ele ficava muito faceiro. Comentavam e eu escutei não é uma coisa que eu posso dizer.

M.C. – E depois da sua formatura?

V.M. – Eu me formei em 67 e fiquei ainda lecionando dois anos.

M.C. – E porque escolheram o balé?

V.M. – Eu acho que foi porque a minha mãe não estudou balé não existia. E eu nadava com a Tony. Eu aprendi a natação com a Tony... não sei se foi na mesma época... eu nadava no bazenho na beira do rio que era um estrado de madeira colocado dentro do

¹² Parque Farroupilha em Porto Alegre, conhecido como Parque da Redenção.

¹³ Manon Freire, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

rio Guaíba como se fosse uma piscina de nadar no rio Guaíba. Eu tinha sete ou oito anos porque a minha mãe sempre gostou de esportes, mas não me consta que ela fizesse. Meu pai jogava um pouco de futebol era mais esportista e tal. Mas a mãe sempre gostava e eu não sei por que ela me botou no balé. Depois eu sei que tinha até meninas da vizinhança que iam junto com a minha irmã, que eu já tinha parado. E a dona Augusta¹⁴ que morava na casa ao lado tinha posto a Elis¹⁵ e levava junto com a minha irmã era mais gente pra levar pra escola.

M.C. – Sobre o encerramento da escola a senhora tem alguma informação?

V.M. – Eu não sei, mas foi coisa de politicagem. E ele sentiu muito.

M.C. – A senhora tinha contato com ele nesta época?

V.M. – Muito raro porque eu estava muito envolvida na minha escola. Eu fui na divulgação do livrinho dele das sapatilhas. A Ana Lúcia estava formada. A Ana Lúcia fez um ano ou dois de aperfeiçoamento lá e depois aqui na minha escola ela só dançava nos espetáculos. Ensaiaava para dançar nos espetáculos. A Helena¹⁶ fez um infantil no Rolla e aí o segundo infantil ela disse: “escuta aqui mãe porque que eu estudo balé contigo e eu tenho que ir lá do outro lado da cidade fazer aula com o Rolla se a matéria do professor Rolla é igual a tua matéria?” Ela tinha sete anos! E queria saber o porquê disso e aí eu disse: “é de fato não tem por que.” Aí eu conversei com o Rolla e disse: “olha eu vou desistir da Helena e vou ficar com ela lá.” Aí ela ficou toda a vida comigo e se formou comigo.

M.C. – Estamos encaminhando para o termino da entrevista e este espaço é reservado para algo que a senhora queira deixar registrado.

V.M. – Olha a escola do Rolla representou muito por que o fato de levar a minha filha pra escola dele, eu fui lecionar lá, me tornar uma professora que eu não era, eu não era nada. Porque eu era só uma curiosa que fazia dancinha nos espetáculos no meu colégio. Porque gostava da dança. Então ali foi tudo para mim. Tudo. Ele me ensinou tudo, tudo, tudo, ele me disse tudo. Eu perguntava o que eu podia usar dele, ele me dava. Ele foi

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

assim cem por cento. Fez eu comprar... eu tenho uma boa quantidade de livros de balé porque ele dizia: “tem que estudar, tem que ler, tem que ver espetáculos.” Não se critica espetáculo nenhum fora de um núcleo muito reduzido. Não se critica. Cada um sabe como leva sua arte a menos quando se vê uma coisa muito imprópria não é? Como é o caso que até hoje existem botarem crianças em pontas antes dos nove anos. Essas aberrações que tem. Isso se comentava. Mas não mais não. Ele não admitia que você falasse de escola nenhuma lá dentro. Não. Só num ambiente muito fechado e se estivesse a Erenitta, a Regina, eu às vezes...

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]